

HISTÓRIAS E NARRATIVAS CABANAS: REMINISCÊNCIAS DA MEMÓRIA COLETIVA NA REGIÃO DO BAIXO TAPAJÓS¹

WILVERSON RODRIGO SILVA DE MELO²

RESUMO - O campo da memória não implica numa verdade irrefutável da História, assim, como também não são os outros tipos de indícios adotados pelo historiador. Antes, o campo da memória social apresenta-se como uma nova releitura de acontecimentos, por meio das reminiscências do acontecido, presentes na memória do indivíduo tal qual ele vivenciou ou se apropriou. É nesta perspectiva e a partir do trato metodológico da pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e das tradições orais, que este presente trabalho, procurará dar visibilidade as histórias e narrativas da Revolução da Cabanagem no Grão-Pará (1831-40), sobretudo na região do Baixo Tapajós. Nesta linha tênue, importa destacar que as histórias e narrativas construídas e tecidas sobre a Cabanagem, fundamentam-se nas reminiscências da memória coletiva dos amazônidas da região do Baixo Tapajós (Oeste Paraense), como também no processo político de apropriação da memória histórica da Guerra. Assim, cabe afirmar que a história narrada pelos depoentes sobre a Cabanagem não serão com exatidão a mesma do período oitocentista, visto que a memória do depoente é na verdade uma pós memória e se codifica e mescla atributos inerentes de passado a cargas de pertencimento e significância do presente, ou seja, os relatos sobre o tempo passado reconfiguram o tempo presente, assim como o tempo presente reconfigura o tempo passado. Logo, ambos não são mais uma narrativa pura, mas sim uma narrativa híbrida que não abarca um peso de “verdade” irrefutável, mas sim uma possibilidade do ocorrido. Quanto a isso, Benjamin esclarece (1985, p.224) que a verdadeira imagem do passado perpassa veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido, pois articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi.”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Dessa forma, no bojo dessas discussões memorialísticas sobre a Cabanagem, importa-nos ressaltar que uma pequena parcela da população da região do Baixo Tapajós tem a alguns anos, adentrado num processo de reelaboração cultural e ressignificação de identidade ao se auto identificar como “novos cabanos” e, assim tem transmitido “histórias e narrativas da Cabanagem”, que antes de ser coletiva no sentido de pertencimento ao Estado do Pará é coletiva no sentido da história da comunidade, vilarejo, cidade etc, sendo, portanto, uma maneira de transmitir suas histórias e memórias que lhe foram repassadas por seus pais e antepassados na esfera da oralidade e, que hoje permeiam o campo das reminiscências de um passado, que a ele não chegou como foi, mas sim como a eles lhe foi transmitido.

¹Este trabalho é fruto de diferentes pesquisas realizadas sobre a temática da Cabanagem no Grão-Pará, boa parte de seu conteúdo é fruto da Dissertação “Tempos de Revoltas no Brasil Oitocentista: ressignificação da Cabanagem no Baixo Tapajós (1831-1840)” defendida no PPGH/UFPE em 2015.

² Doutorando em História Contemporânea Comparativa e Transnacional pela Universidade de Évora (Portugal); Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente é Docente na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

Palavras-chave: **histórias; reminiscências; cabanagem.**

Por algumas Histórias e Reminiscências da Cabanagem...

Para Benjamin, a narração mantém uma íntima relação com a experiência a qual se inscreve numa temporalidade comum a várias gerações. Ela supõe, portanto, uma tradição compartilhada e retomada na continuidade de uma palavra transmitida de pai a filho; continuidade e temporalidade das sociedades “artesaniais”³. A narração e a experiência são inseparáveis, o fim de uma acarreta o declínio da outra, provocando transformações profundas.

Dito isto, registramos muitas histórias sobre a Cabanagem, presentes nos discursos dos moradores de várias localidades da região do Baixo Tapajós, os quais narram os acontecimentos do início da revolta a partir de sua localidade. Os depoentes de comunidades diferentes narram suas histórias contando como procedeu a guerra e quais as consequências da guerra.

Depoimento 1 (Enoque Arapium⁴).



Enoque Arapium
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2010

³ GAGNEBIN, 1999, p. 14.

⁴ Professor e Cacique da comunidade de Vila Franca.

Sou Enoque Arapium, cacique de Vila Franca e também professor lá. Meu nome indígena pra quem conhece o significado é “Aba Angaturama”, que significa “homem com alma de jaguar”. Aba é homem, Anga é alma e Turama é jaguar.

Olha aqui é o canhão que eu disse que tinha aqui na igreja, como vocês pode ver, ele é todo de ferro, é bem pesado mermo. Então essa é a prova de que a Cabanagem passou mesmo também por aqui né?

[...] pois é, meu avô também falava que era uma guerra justa, que lutavam pela nossa independência aqui [Vila Franca], que não queriam que nós fossemos escravizados, que os filhos não fosse escravizados.

Então, o meu avô, eu tinha um tio que dizia assim: “olha meu filho quando nós morrer, vocês que vão tomar conta daqui da Vila Franca, daqui dessa comunidade, porque meu pai, o teu avô lutou por vocês aqui”.

Aí ele [tio do Enoque] contou dessa guerra aí que teve, e que começou ali do lado do rio. que eles [cabanos de cuipiranga] colocava, ele [tio do Enoque] dizia pra nós também, que eles colocavam aqueles tucumãzeiro assim na beira do barranco pra dizer que era um canhão, que tava perto do rio, pra intimidar aqueles [tropas repressoras], que vinham de lá também.

Então ele [tio] disse que isso aconteceu, então quando meu avô falava assim antes dele morrer, ele dizia: “Olha hoje Cuipiranga se vocês vê uma terra vermelha, aquilo foi o nosso sangue que derramou lá” ele dizia. “Se aquela terra é vermelha é por causa de nosso sangue que tá lá derramado, os parentes de vocês que morreram lá”.

[...]

Meu avô também contava que os que tinham a riqueza aqui [Vila Franca] eles enterravam pra eles [cabanos] não levarem. Então quando dizem assim: “ah tem visagem”, é por causa do meu avô que tá enterrado lá junto com o dinheiro dele, então não é visagem que tá fazendo, é o espírito daquela pessoa que tá saindo, que quer se libertar dali, porque foi preso junto com aquilo [dinheiro] pra não morrer (grifo nosso).

No depoimento de Enoque, cacique de Vila Franca, torna a aparecer o mesmo relato da explicação mítica sobre a “areia vermelha”, *“Olha hoje Cuipiranga se vocês vê uma terra vermelha, aquilo foi o nosso sangue que derramou lá” ele dizia. “Se aquela terra é*

vermelha é por causa de nosso sangue que tá lá derramado, os parentes de vocês que morreram lá”. Embora a comunidade não esteja localizada tão próxima de Cuipiranga, o cacique também narra a existência de uma praça fictícia com troncos de palmeiras ***“Olha hoje Cuipiranga se vocês vê uma terra vermelha, aquilo foi o nosso sangue que derramou lá” ele dizia. “Se aquela terra é vermelha é por causa de nosso sangue que tá lá derramado, os parentes de vocês que morreram lá”***.

A partir destes relatos, convenciamos afirmar que aquele que narra, não é o mesmo que viveu o acontecido, antes reproduz uma lembrança ouvida de forma repetitiva ao ser contada por outros.

Esta tese encontra auxílio em Benjamin (1985, p.37), ao afirmar que “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”.

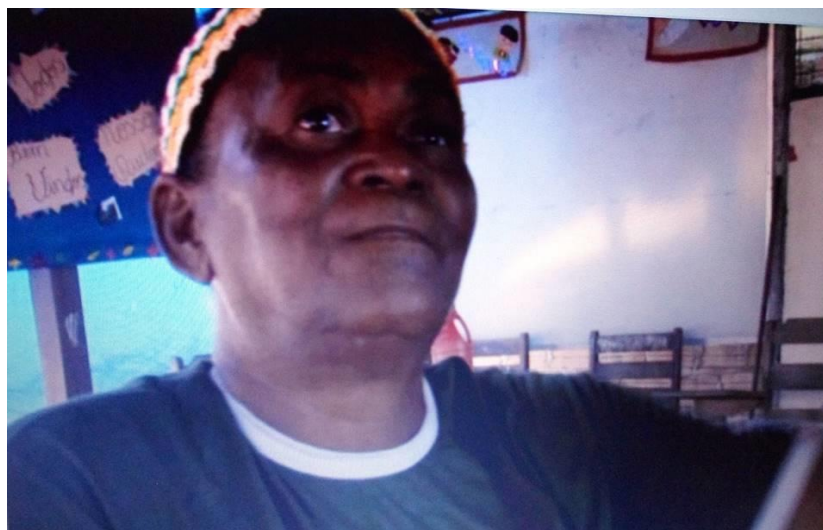
É, pois, essa chave de rememorar o acontecido que dá conta de narrar outra história, que parte da perspectiva de história local. Ao mesmo tempo, o depoente passa a requerer reconhecimento fiduciário ao seu relato de memória, na medida em que afirma: ***“Olha aqui é o canhão que eu disse que tinha aqui na igreja, como vocês pode ver, ele é todo de ferro, é bem pesado mermo. Então essa é a prova de que a Cabanagem passou mesmo também por aqui né?”***.

Isto nos lembra da discussão de Ricoeur (2007, p.172-173) acerca dos postulados metodológicos dos testemunhos fiduciários, testemunhos que conclamam por reconhecimento da veracidade sobre o que narram, é como se o depoente, a princípio, declarasse a si mesmo testemunha e atestasse aos vestígios a qualidade de provas incontestáveis ou legitimáveis do acontecido.



Imagens do Canhão e Igreja de Vila Franca
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2010

Depoimento 2 (D. Maria Zenaide ⁵).



D. Maria Zenaide
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2010

⁵ Comunitária (in memorian em 23/12/2011) do quilombo urbano dos remanescentes de Arapemã no bairro Pérola do Maicá em Santarém.

A terceira entrevista ocorreu com D. Maria Zenaide no quilombo urbano dos remanescentes de Arapemã no bairro Pérola do Maicá em Santarém.

Sou viúva, mãe de 9 filhos (1 morto e 8 entre mulheres e homens). Sou nascida , criada e casada em arapemã.

Teve uma revolta em uma praia em Santarém, que por causa do movimento recebeu o nome de Praia da Revolta. As pessoas tem medo de passar na Praia da Revolta pela noite, pois ouvem muitos gemidos, pedidos de socorro, sangue inocente clamando por justiça, visagens espíritos dos mortos atormentados que não conseguem descansar em paz.

Sobre a Cabanagem, o que eu sei... é, é ...

Moravam lá no Curuatinga, lá dentro mesmo onde só tinha mesmo os cabanos e os empregados que chamavam. Lá nesse lugar, na Santa Catarina é que morava 3 patrão com os empregados, com os com os capanga dos empregados.

Aí lá eles viveram muito tempo lá, e aí tinha um lá que era o rei mesmo, o dono. Aí quando o pessoal queria sair de lá, eles diziam assim: “Seu fulano [patrão] eu quero ir me embora daqui”, ele [patrão] dizia: “Tá, tu vai”.

[patrão] pegava primeiro a mulher dele, se servia, mandava torar o pescoço, jogava o corpo fora e a cabeça metia no pau e ficava lá.

Aí quando chegava a vez dele [o empregado], [patrão dizia] “é vou te pagar. Quanto eu ti devo?” [empregado dizia] tanto [R\$]. [patrão dizia] Aí pega o dinheiro, pegava o dinheiro, aí quando chegava lá dava o dinheiro [para o empregado]. Chamava os outros [empregados, e dizia] “vai levar ele lá naquele lugar, lá tu mata e trás o dinheiro de volta”.

E assim eles faziam, levavam lá pro meio do mato, lá eles matavam, tiravam, e deixavam o corpo lá, e traziam o dinheiro pro patrão de volta.

Assim foi prolongando os tempos, os tempos, o pessoal sempre matando pessoal. **Até que um dia chegou lá mesmo nessa comunidade, um tal de um maranhense que chamavam de, o apelido dele era “Amarelinho”.**

Aí todo tempo ele [patrão] tá assim, matando os outros, batendo, escurraçando as mulher, se servindo das mulher dos empregado e mandando embora outros que ficavam por lá jogado.

Até que esse Amarelinho chegou um dia por lá, e disse assim “tem emprego aí pra mim?” Ele [patrão] disse tem. Aí deram uma vaga pra ele trabalhar.

Então ele disse, o patrão disse, “a hora de trabalhar, a hora de se levantar pra ir pro trabalho é 03:00hrs da madrugada, a hora que os cabocos, que todo mundo levanta, pega no facão pra ir pro trabalho”. Ele [amarelinho] disse “tá, pode deixar”.

Atou a redinha dele lá e ficou lá. Aí quando foi 03:00hrs o pessoal tudo, os que trabalhavam com ele, tinham muito medo dele, se levantaram cedo, todo mundo arrumou sua redinha e ferra, amolando o terçado, amolando, amolando... E chegaram [outros empregados] perto dele [amarelinho] e disseram “tu não vai levantar meu amigo?” Ele disse “eu não, eu não vou levantar”. Porque? [Amarelinho respondeu] Porque não é hora de trabalhar uma hora dessa, eu não vou levantar não. Ele [empregado] disse: “olha o patrão vai te jogar da rede”. Ele [Amarelinho] disse: “deixa ele vim. Deixa ele vim”.

Aí chegou lá [patrão], e ele disse: “cadê o fulano?” [Amarelinho], aí o outro disse: “tá na rede”. [patrão] Ah ele não levantou não? Vai levantar agora.

[patrão] Chegou lá, ele bateu [na rede], ei meu amigo tá na hora do serviço. Ele [Amarelinho] disse: “é? Só que eu não vou trabalhar agora não. A hora de eu pegar no trabalho é 07:00hrs da manhã, é a hora que eu vou trabalhar, pra ir trabalhar”.

[patrão falou] “Além de tu ser peque”.. Diz que era bem pequeno. “Além, de tu ser bem pequeno, tu ainda é atrevido é?”. Aí ele [patrão] pegou no cabo do revolver, e quando ele puxou pra atirar, ele [amarelinho] meteu-lhe a faca – “tchá”- e ele [patrão] ficou lá.

E ele [amarelinho] olha, pegou um botinho e se mandou, fugiu, fugiu saiu pelo mundo a fora, não sabe onde foi parar. E os outros [empregados e escravos] nessa ocasião que ele fez, que matou o patrão né? **Os outros que eram, que serviam de escravo começaram a fugir pra todo canto. O caso do Amarelinho deu início a fuga e a luta dos escravos da região na época da Cabanagem e o refúgio deles nas margens dos rios da região, dos quais fundaram os mocambos, os quilombo da região** (grifo nosso) [sic].

Em depoimento, D. Zenaide atribui o início da Cabanagem a um maranhense de apelido “Amarelinho”. Segundo a depoente, a cabanagem teria emergido da fuga de escravos de uma

propriedade em Curuatinga. Estes escravos foragidos teriam fundado os quilombos e cacoads ao longo dos rios Tapajós e Amazonas, e suas bandeiras de lutas teriam nascido a partir do momento em que passaram a organizar incursões a várias fazendas da região para libertar os compatriotas negros.

Esta versão protagonista de uma Cabanagem negra é recorrente entre os membros do quilombo pérola do Maicá e outros quilombos como Saracura e Arapemã. Dada a amplitude e distanciamento geográfico entre as comunidades, e ainda assim o discurso ser semelhante, em nosso entendimento, inferimos que o discurso está imbuído na perspectiva de Memória Coletiva. Esta por sua vez, antes de ser uma memória individualizada, é compartilhada no seio de uma mesma etnia, que alimenta o entendimento de uma revolta negra como gênese e protagonista da Cabanagem no Pará.

Ocorre, porém que:

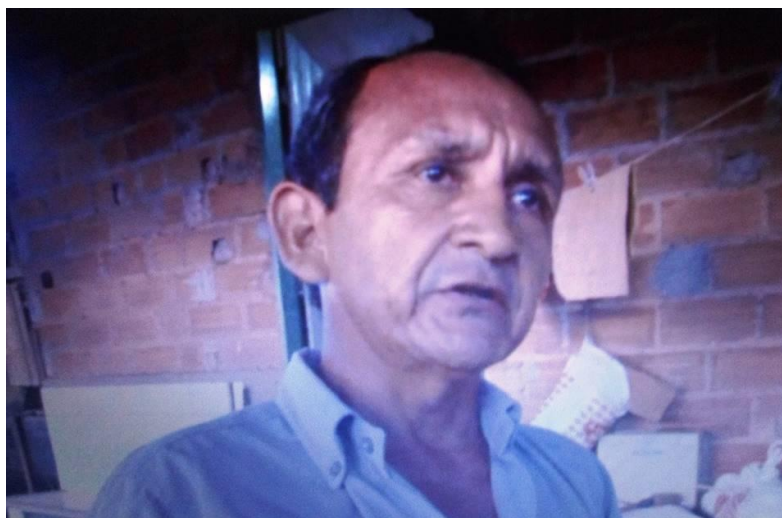
Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2006, p.39).

É neste ponto que, em Halbwachs, situa-se uma notável distinção entre a “memória histórica”, de um lado, pressupondo a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada sobre o passado reinventado, e por outro lado a “memória coletiva”, que magicamente recompõe o passado ⁶, ou melhor, percebe as representações como construções que os grupos fazem sobre suas práticas. Sendo que essas práticas não são possíveis de serem percebidas em sua integridade plena, elas somente existem enquanto representações ⁷.

⁶ Cf. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ªed. 7ª reimpressão. São Paulo: Centauro, 2006. p.13.

⁷ Seguindo a tese de Chartier, nenhum texto traduz a realidade, nenhum texto apreende a realidade em sua totalidade, “o real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é”. Cf. CHARTIER, Roger. Por uma sociologia das práticas culturais. In: **A História Cultural: entre práticas e representações**. São Paulo: Difel; Bertrand/Brasil, 1990, p.13-28; GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira: Nove Reflexões sobre a Distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Depoimento 3 (Manoel Goudinho Duarte ⁸).



Seu Manoel Goudinho
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2010

Sou de Anã, quando jovem fui para Vila Franca e depois vim para Santarém, de onde sempre retorno as minhas origens. Sou bisneto de índia legítima e **as histórias que sei foram repassadas para minha avó, minha mãe, até chegar a mim.**

Minha mãe era oleira, mas tenho arrependimento de não ter uma peça sequer dela. As peças rústicas que tenho são diferentes das modernas. Muitas são de procedência e estilo dos Tapajó, como pedra branca e pintadas de pó branco e giz que eram assados juntos com o barro.

Muitas das histórias que eu sei é fruto do hábito e costume das famílias de nossa região, que após o almoço nos reuníamos nas varandas da casa ou na cozinha e passávamos a ouvir histórias do papai e da mamãe, que sempre deixavam um gostinho de quero mais para o outro dia ao interromper a história e deixa-la para outro dia.

A história da Cabanagem do ponto de vista cabano foi uma revolta por causa do estilo de vida que esses trabalhadores passavam. Eles queriam organizar-se para depor [movimento] na sede do governo em Belém. Em Belém havia o mobilizador, o animador do movimento, o Cônego Batista Campos. Só que pra época, na época da Cabanagem a situação era muito difícil né? De Belém pra cá [Santarém] se levava um tempo pra chegar, não tinha essa facilidade que que nós temos hoje. Então

⁸ Morador do Bairro do Mapiri em Santarém e ex-ator de teatro amador comunitário. Entrevista concedida em 23 de Maio de 2010 no Convento Franciscano em Santarém – Pará.

eles tinham essa dificuldade, por isso acabou estendendo, alongando o tempo de resistência dos trabalhadores, dos cabanos.

Os mais velhos diziam que os pontos de maior resistência foi em Cuipiranga, na Vila de Arimun e na Ponta do Macaco perto da Vila Brasil.

Eu conheço uma miga em Alter-do-Chão que conta que a avó dela quando criança aos seus 12 anos de idade viu os pais morrerem nas mãos dos cabanos.

E ela, depois que foi entender porque...

Porque o pai dela não quis ficar do lado dos cabanos mesmo estando na mesma situação de opressão.

Então o que, que eles pensavam **“Se está sofrendo que nem nós na mesma situação e não quer apoiar o nosso movimento, vai nos dedurar, vai enfraquecer o movimento”, e é aí que eles [cabanos] acabavam realmente algumas famílias, talvez exterminadas.** Não tinha outro jeito, a forma deles fortalecerem o movimento era **“Se tá do nosso lado, veste a cor vermelha, se não veste, tá do lado do governo, e se tá do lado do governo é inimigo nosso”,** não tem esse negócio não era assim que, esse era o pensamento que eles tinham pra poder se defender no movimento.

Muitos se perguntam porque os cabanos usavam roupas vermelhas? E afirmavam que eram o sangue. Mas na verdade por não terem dinheiro e serem pobres, tingiam **suas roupas com casca de cajuru, muruci, axuá e urucum, para evitar que companheiros fossem mortos, porque se estivessem usando vermelho estava do lado cabano, se não usasse vermelho era inimigo. Era uma forma de identificar companheiros em qualquer local de conflito, porque a guerra da cabanagem foi no Estado né? Ela foi na região do Pará todo, ela não foi só aqui no município [Santarém].**

Então de repente havendo necessidade de ir a outro município, hoje município, eles sabiam que aqueles que estiverem com a cor vermelha, certamente estão do nosso lado e aí nós não podemos combater aqueles que são nossos companheiros.

O governo mandou um navio pra Cuipiranga, pra botar o fim na resistência dos cabanos né? E eles não tinham armas, eles não tinham dinheiro, eram pessoas sofridas, e, mas eles tinham pensamento e força, e eles pegaram e organizaram então, uma forma de defesa. **Encheram a praia de Cuipiranga, que é uma praia pequena, de toras de Palmeiras, pintaram com breu pra ficar na cor preta e colocaram em cima de estacas, que apontadas pra cá, no sentido pra cá pra cidade, que a distancia pareciam canhões.**

Quando o navio dobrou a Ponta do Jari, que através do binóculo puderam localizar a praia, eles [soldados] viram quem havia um arsenal muito forte ali, muito grande, voltaram e pediram apoio pra Belém, e Belém mandou 2 navios de guerra prontos pra um combate, e quando dobraram de volta [o Jari em direção a Cuipiranga] foram logo abrindo o caminho a bala.

Só que o inimigo [cabanos] não reagia, e isso chamou a atenção [soldados], quando chegaram mais próximo, foram ver, soltaram os botes dando proteção aos que tavam no bote, chegaram na margem foram ver que eram apenas toras de palmeira pintadas de breu, colocadas pelos cabanos, mas não havia nenhum cabano lá.

Enquanto eles faziam essa forma de defesa, ganhavam tempo pra fugir né? Pra se defender, e isso não ficou registrado na história que o governo nos conta, que os livro nos conta, mas ficou conhecido como a maior vergonha pro governo do Pará, porque gastou tanta munição combatendo apenas toras de palmeira pintadas com breu.

Os cabanos combatiam na região os fazendeiros, os homens ricos, porque eles escravizavam seus empregados. **A partir disso surgiram histórias que devido o medo da pobreza e de serem saqueados pelos cabanos enterravam suas riquezas em panelas e objetos de barro geralmente próximos a uma grande pedra ou uma grande árvore; a partir disso os fazendeiros levavam negros, pais de família que cavavam os buracos enterravam as riquezas e logo em seguida eram mortos pelos fazendeiros, para que estes fossem os únicos a saberem do segredo e local onde foi enterrado, devido o medo de o negro poder voltar ao lugar e desenterrar suas riquezas.**

Aí surgiu no interior, histórias de que quem encontrasse tesouros eram perseguidos por pretos velhos. A Cabanagem foi a revolta do menor contra o maior, do oprimido contra o dominador.

Para mim o que contribuiu para o esquecimento da Cabanagem, eram as histórias sangrentas contadas pelos nossos pais e as voadeiras que os padres e missionários subiam na região fluvial ribeirinha. Porque eu me lembro que quando criança, quando a gente ouvia barulho de barcos e voadeiras, os mais velhos diziam pra gente entrar pra casa e se esconder que eram cabanos vindo acabar com tudo e matar a todos...

Mas não era não, eram apenas padres e missionários (grifo nosso) [sic].

O depoimento de Seu Manoel Goudinho é uma narração com grandes riquezas de detalhes, pois suas falas são fundamentadas naquilo que Maurice Halbwachs nomeou como memória histórica e memória coletiva.

Seu Manoel narra que, por não terem dinheiro e serem pobres, os cabanos tingiam suas “roupas com casca de cajuru, muruci, axuá e urucum, para evitar que companheiros fossem mortos, porque se estivessem usando vermelho estavam do lado cabano, se não usassem vermelho eram inimigos. Era uma forma de identificar companheiros em qualquer local de conflito”.

Semelhante estratégia era usada pelos Cabanos de Vicente de Paula nas matas de Pernambuco, os quais trajavam “camisa e ceroula tinta”, usavam roupas tingidas para reconhecer seus pares em meio a combate.

Embora a narrativa de Seu Manoel apresente elementos de uma memória híbrida, que juntou tanto o conhecimento popular como o letrado, ela não deve ser descartada, tendo em vista que tudo pode convencionar-se como documento pelo historiador.

O relato de Seu Manoel vem trazer à discussão a dimensão das barbáries e exageros entre cabanos e anticabanos. Esclarecendo a tese que defendemos, a de que durante uma guerra o cotidiano familiar, econômico, político e social é abalado e, por assim dizer, desestruturado, em tempos de guerra só existe um lema “matar ou morrer”.

Não queremos fazer uma construção imagética dos cabanos como algoz ou como heróis, pelo contrário, queremos mostrar que quando existem arbitrariedades e processos de subalternidade, o menor, o oprimido, levanta-se e provoca uma convulsão nos arranjos políticos.

No entanto, nos discursos há uma convergência de fatos. A Cabanagem, para muitos desses depoentes, foi um acontecimento que pôde mostrar a inteligência tática dos cabanos ao usarem trincheiras e construírem uma praça com canhões feitos de tronco de palmeiras. Além disso, para os comunitários, a guerra da Cabanagem foi responsável por derramar muito sangue na areia da praia de Cuipiranga, deixando muitas “almas a solta, sem alcançarem seu destino”.

No entanto, convém estabelecer que nenhum destes depoimentos podem ser encarados como memórias de experiência, visto que nenhum colaborador viveu o tempo presente da

Cabanagem em meados do século XIX. Poderíamos classificar seus relatos somente como prática discursiva da memória coletiva?

Segundo Sarlo (2007, p. 90-91):

É impossível (a não ser num processo de identificação subjetiva inabitual, que ninguém consideraria normal) lembrar em termos de experiência fatos que não foram experimentados pelo sujeito. Esses fatos só são “lembrados” porque fazem parte de um cânone de memória escolar, institucional, político e até familiar (a lembrança em abismo: “lembro que meu pai lembrava”, “lembro que na escola ensinavam”, “lembro que aquele monumento lembrava”).

[...] Marianne Hirsch chama de “pós-memória” [...] Como pós-memória se designaria a memória da geração seguinte àquela que sofreu ou protagonizou os acontecimentos (quer dizer: a pós-memória seria a “memória” dos filhos sobre a memória dos pais).

A proposta metodológica da “pós-memória” defendida por Beatriz Sarlo coloca em questão o uso de memória e a apropriação de memória de descendentes sobre seus genitores e ascendentes, estabelecendo, acima de tudo, o caráter vicário dos depoimentos da pós-memória.

A pós-memória, que tem a memória em seu centro, seria a reconstituição memorialística da memória em seu centro, seria a reconstituição memorialística da memória de fatos recentes não vividos pelo sujeito que os reconstitui e, por isso são qualificados como “vicária”, pois implica sujeitos que procuram entender alguma coisa colocando-se, pela imaginação ou pelo conhecimento, no lugar dos que a viveram de fato. Toda narração do passado é uma representação, algo dito no lugar de um fato. (SARLO 2007, p. 93).

No cerne do uso da pós-memória, convenciamos afirmar que os novos sujeitos do novo passado são esses “caçadores furtivos”, que podem fazer da necessidade virtude, modificando sem espalhamento e com astúcia suas condições de vida, cujas práticas são mais independentes do que pensaram as teorias da ideologia, da hegemonia e das condições materiais, inspiradas nos distintos marxismos. No campo desses sujeitos há princípios de

rebeldia e princípios de conservação da identidade, dois traços que as “políticas da identidade” valorizam como auto constituintes.

“Esses sujeitos marginais, que teriam sido relativamente ignorados em outros modos de narração do passado, demandam novas exigências de método e tendem à escuta sistemática dos ‘discursos de memória’”⁹. Fala-se do passado sem suspender o presente e, muitas vezes, implicando também o futuro. “Lembra-se, narra-se ou se remete ao passado por um tipo de relato de personagens, de relação entre suas ações voluntárias e involuntárias, abertas e secretas, definidas por objetivos ou inconscientes” (SARLO 2007).

Assim, essas histórias locais com suas visões particulares de como eclodiu e como ocorreu a Cabanagem no Baixo Tapajós, enriquecem, ainda mais, a construção de uma historiografia da Cabanagem, para além das documentações escritas, dando atenção para os testemunhos enquanto documentos, sendo passíveis de crítica, problematização e confronto com outras fontes e/ou outros testemunhos.

Essas histórias da Cabanagem, que permeiam porções de historicidade e porções de ficção, galvanizam o processo de pertencimento social, na medida em que a pós-memória passa a ser ativada dentro da perspectiva da memória coletiva. Essas histórias da Cabanagem, externam um campo de possibilidades, uma abertura para as perspectivas do ocorrido, na medida em que as tradições orais são revisitadas e ganham espaço na historiografia pelo processo de narrativização de seus depoentes.

Nesse sentido afirmamos que para a História da Cabanagem, torna-se importante e até mesmo se apresenta como grande possibilidade de análise as representações sociais e transmissibilidade do campo da memória, “visto que toda história foi, é e será história do tempo presente” (KOSELLECK 2001, p.119).

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica. Arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas, v. 1.).

⁹ SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** Tradução Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 16-17.

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia das práticas culturais. In: *A História Cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: Difel; Bertrand/Brasil, 1990.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. 2 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira: Nove Reflexões sobre a Distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ªed. 7ª reimpressão. São Paulo: Centauro, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. *Los estratos del tempo: estúdios sobre la Historia*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, Wilverson Rodrigo Silva de. A Cabanagem em Santarém (1836-1840): um novo olhar historiográfico. In: **VII Congresso de Ciência e Tecnologia da Amazônia e XI Salão de Pesquisa e Iniciação Científica do CEULS/ULBRA**, 2011, Pesquisa e Tecnologia (Anais) ... Santarém: CEULS/ULBRA, 9-11 de Novembro de 2011. p. 107-111(CD-ROM).

_____. À Margem dos Rios pelos Campos e Florestas: A Cabanagem sob marcadores de raça e classe. In: **V SEMANA REGIONAL DE HISTÓRIA: Reflexões sobre a pesquisa e o ensino de História: aproximações e distanciamentos**, 2013a, Cajazeiras - PB. Reflexões sobre a pesquisa e o ensino de História: aproximações e distanciamentos. Cajazeiras: UFCG, 2013 a. v.5. p. 1-15. (CD ROM).

_____. E a Pólvora Europeia Chega ao Brasil: a transferência da Família Real Lusa para a América Portuguesa e suas implicações para o Grão-Pará. In: **I Seminário Institucional de Iniciação à Docência PIBID/CEULS e XIV Salão de Iniciação Científica do CEULS/ULBRA**, 2014, Santarém - PA. **Avanços e Resultados pela Pesquisa na Amazônia**. Santarém - PA: Ed. da ULBRA, 2014. p. 118-122.

_____. Novos cabanos: o recente processo de ressurgimento e ressignificação de identidade no Baixo Tapajós. In: **VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA**, 2013, Maringá. **Democracia e Autoritarismo no Mundo Contemporâneo**. Maringá: Editora da UEM, 2013 c. v.6. p. 1-13.

_____. **Sujeitos Marginais em Tempo Cabanal (1835-1837): A Supressão e Violação dos Direitos Fundamentais do Homem no Grão-Pará Regencial.** 2015. 57 f. Monografia (Especialização em Direitos Humanos), Cajazeiras, Universidade Federal de Campina Grande, 2015.

_____. Taperinha um engenho do Tapajós: Relações e Discussões Acerca da Produção Canavieira, Escravidão, Estudos de Sítios Arqueológicos e Cabanagem. In: **VI Congresso de Ciência e Tecnologia da Amazônia e IX Salão de Pesquisa e Iniciação Científica do CEULS/ULBRA**, 2009, Santarém. Amazônia, Ciência e Sustentabilidade (Anais) ... Santarém: CEULS/ULBRA, 4-6 de Novembro de 2009. p. 411-415 (CD-ROM).

_____. Tempos de Revoltas no Brasil Oitocentista: a Revolução Cabana em Santarém na Região do Baixo Amazonas Paraense (1834-1838). In: **VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURAS E IDENTIDADES**, 2013, Goiânia. **Arquivos e Ditaduras**. Goiânia: Editora da UFG, 2013b. v.6. p. 1-23. (CD ROM).

_____. **Tempos de Revoltas no Brasil Oitocentista: Resignificação da Cabanagem no Baixo tapajós (1831-1840)**, 2015, 271f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

PANTOJA, Ana Renata do Rosário Lima. **Terra de Revolta: campesinato, experiências socioculturais, e Memórias cabanas entre a voz e a letra.** 2010. 367 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais, concentração em Antropologia), Belém, Universidade Federal do Pará, 2010.

RICCI, Magda. **História amotinada: memórias da Cabanagem.** Cadernos do CFCH, vol. 12, n. 1-2. 1993.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.